

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LITERATURA E IDENTIDADE: CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO ÉTNICO
DE MENINAS NEGRAS**

**CAJAZEIRAS-PB
2022**

DANIELE VIEIRA BEZERRA

**LITERATURA E IDENTIDADE: CONSTRUÇÃO E
FORTALECIMENTO ÉTNICO DE MENINAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG,
como parte do requisito para aprovação no curso
de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da
prof. Dra. Kássia Mota de Sousa.

CAJAZEIRAS-PB


2022

DANIELE VIEIRA BEZERRA

**LITERATURA E IDENTIDADE: CONSTRUÇÃO E
FORTALECIMENTO ÉTICO DE MENINAS NEGRAS**

Aprovado em 06 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 KASSIA MOTA DE SOUSA
Data: 11/04/2022 09:31:59-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Orientadora – Professora Dra. Kássia Mota de Sousa – UAE/CFP/UFCG



Examinadora 1 – Prof. Dr. Alexandre Martins Joca– UAE/CFP/UFCG

Examinadora 2 –Prof. Dr.
Neves Coêlho–



Raimunda de Fátima
UAE/CFP/UFCG

Cajazeiras - PB
2022

B5741 Bezerra, Daniele Vieira..
Literatura e identidade: construção e fortalecimento étnico de meninas
negras / Daniele Vieira Bezerra. - Cajazeiras, 2022.
49f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Kassia Mota de Sousa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2022.

1. Literatura infantil. 2. Identidade negra. 3. Meninas negras. 4.
Protagonistas afrodescendentes. I. Sousa, Kássia Mota de. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/RS CDU 82 03

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais Rosa e Antônio, aos meus irmãos Valéria e Danilo, minha sobrinha Yasmin e meu esposo Allef Jobson, que estiveram comigo em todo meu percurso acadêmico e me apoiaram até aqui. Dedico também a minha orientadora Kássia Mota que contribuiu para que eu conseguisse finalizar minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente externo aqui meu profundo agradecimento a *Deus* por ter me dado o dom da vida, me dando força e me abençoando todos os dias para que pudesse continuar e chegar ao fim da caminhada acadêmica.

Sou grata principalmente aos meus pais Rosa e Antônio que sempre estiveram o meu lado me apoiando e oferecendo todo suporte necessário, tanto financeiro como emocional, para que eu pudesse concluir o curso, sempre me incentivando e dando palavras de conforto para vencer as dificuldades encontradas.

Agradeço também aos meus irmãos Valeria e Danilo, e ao meu esposo Allef Jobson que sempre estiveram ao meu lado desde o início do curso.

Externo também minha gratidão a minha sobrinha Yasmin, que mesmo indiretamente desde a sua chegada, me ensinou a lidar com mais facilidade com criança, além de ter sido um dos motivos para que eu nunca desistisse por sempre pensar que exercendo minha profissão docente poderia proporcionar a ela algum tipo de conforto, e ajudá-la quando precisar.

Não deixaria também de agradecer a minha orientadora Kássia Mota, a quem me espelho profissionalmente por ter uma admiração profunda como pessoa e como profissional, que sempre me incentivou durante a escrita da pesquisa e me acalmou quando me encontrava ansiosa, além de ter toda paciência comigo.

E por fim, agradeço também as minhas melhores amigas que torceram por mim e vibraram com minha conquista.

As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

*(Chimamanda Ngozi
-Adichie)*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma pesquisa a respeito da literatura infantil com personagens afrodescendentes protagonista, compreendendo suas possíveis contribuições para o fortalecimento e construção identitária das meninas afrodescendentes do Ensino Fundamental, voltando-se para a discussão das questões relativas à construção da identidade negra na infância e no espaço escolar, e mapeando obras literárias infantis que abordem a temática da identidade negra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e exploratória, tendo como ponto de partida a revisão de literatura referente à área da educação e das relações étnico-raciais, bem como obras da literatura infantil que abordem a temática das questões étnico-raciais. Nessa perspectiva, para um estudo mais detalhado, foram analisados os textos dos seguintes autores: Gomes (2002, 2003, 2008), Martins (2004); Lima (2005), Moura (2005); Kamei; (2014); Carvalho (2015); Melo (2016); França (2017); Brasil (2018); Campos (2019); Ipiranga (2019) e algumas obras infantis como a de Rampazo (2018); Machado (1986); Brito (2019) e Hooks (2018). Este trabalho compreende que a literatura infantil traz consigo o dinamismo das culturas existentes, permitindo que as crianças desenvolvam imaginação, conheçam culturas diversas, entrem em contato com conceitos e valores que impactam positivamente na construção de suas identidades.

ABSTRACT

This course conclusion work presents a research about children's literature with Afro-descendant characters protagonists, understanding their possible contributions to the strengthening and indemnity construction of Afro-descendant girls in Elementary School, turning to the discussion of issues related to the construction of black identity in childhood and in space, and mapping children's literary works that address the theme of black identity. This is a bibliographical research, with an exploratory qualitative approach, having as a starting point the literature review in the area of education and ethnic-racial relations, as well as works of children's literature that address the theme of ethnic-racial issues. In this perspective, for a more detailed study, the texts of the following authors were analyzed: Gomes (2002, 2003, 2008) Martins (2004); Lima (2005), Moura (2005); Kamei; (2014); Carvalho (2015); Melo (2016); France (2017); Brazil (2018); Fields (2019); Ipiranga (2019) and some children's works such as Rampazo (2018); Machado (1986); Brito (2019) and Hooks (2018). This work understands that children's literature brings with it the dynamism of existing cultures, allowing children to develop imagination, get to know different cultures, get in touch with concepts and values that positively imply the construction of their ideas.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	11
2. METODOLOGIA.....	13
3. REVISÃO TEÓRICA.....	16
3.1. Literatura na escola.....	16
3.2. A Base Nacional Comum Curricular e a Literatura no espaço escolar.....	19
3.3. A identidade na Base Nacional Comum Curricular.....	23
3.4. A escola como um ambiente de afirmação da identidade afrodescendente.....	25
3.5. Corpo e cabelo e a busca pela afirmação da identidade da identidade afrodescendente.....	28
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	35
4.1. Bell Hooks e a questão do cabelo.....	35
4.2. A Cor de Coraline.....	38
4.3. Menina bonita do laço de fita.....	41
4.4. Lápis cor de pele.....	44
5. CONCLUSÃO.....	47
6. REFERENCIAL TEÓRICO.....	49

1 –INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) objetivar refletir como a literatura, dentro do espaço escolar, pode auxiliar para a construção e fortalecimento de identidades de gênero e de raça de meninas negras. Estudamos quais e de que maneira, as obras literárias integradas ao currículo escolar, podem proporcionar a essas meninas um conhecimento a respeito de si mesmo e da cultura afrodescendente¹.

O interesse pela temática resulta da articulação entre as experiências pessoais e as vivências dentro da Universidade, especificamente, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, na disciplina de “Educação, Cultura e Diversidade” realizada no semestre 5º, turno matutino, ministrada pela Professora Lays Regina Batista De M. M. Dos Santos e através da minha participação no projeto de extensão “Círculo de Leitura de autoras africanas e afrodescendentes” semestre 6º, organizado pela Profa. Kássia Mota de Sousa, onde tive a oportunidade de participar de algumas reuniões nas quais discutia a questão da literatura afrodescendente, podendo aqui afirmar que, foi meu primeiro contato com a literatura étnico-racial, o que levou a me questionar a respeito da literatura ensinada em sala de aula e a questão da representatividade étnico-racial para a formação identitária, onde pude me questionar e compreender minha própria identidade, pois, antes, por falta de conhecimento não me reconhecia como afrodescendente. Nunca nem tinha pensado a respeito da questão identitária. E a partir desses questionamentos comecei a fazer a leituras em obras literárias infanto-juvenis com o intuito de dar andamento na pesquisa.

Na disciplina “Educação, Cultura e Diversidade, tive a oportunidade de estudar conteúdos relacionados à história afrodescendente e suas culturas, com proposta de debates em sala a respeito da existência do racismo na sociedade, e algumas expressões racistas utilizadas por muitos indivíduos que na maioria das vezes não tem o conhecimento do que muitas das expressões usadas na fala diariamente são na verdade expressões racistas como: mulata, cor do pecado, denegrir, crioulo etc.

Durante as aulas da disciplina, foi sugerida a realização de vários fichamentos em textos trabalhados na disciplina, e para a nota final, foi desenvolvido um projeto para ser

¹O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística inclui pretos e pardos em uma única categoria para falar a respeito da população afrodescendentes, também utilizarei o termo afrodescendentes para me referir às crianças negras durante a pesquisa. Lembrando ainda que, o processo de miscigenação no Brasil aconteceu de maneira intensa, no qual foi se caracterizando a partir de vários períodos da história.

trabalhado em sala de aula fora da UFCG, no qual cada equipe desenvolveu o projeto em escolas de ensino fundamental.

A equipe da qual fiz parte desenvolveu o projeto voltado à literatura infantil, onde trabalhamos o livro “Menina bonita do laço de fita” em uma turma dos anos iniciais na EMEIEF Cecília Estolano Meireles na cidade de Cajazeiras - PB.

No meu ciclo familiar e social, sempre se referiram a mim através do termo “morena”, pois para os meus familiares e amigos, são considerado(a)s negro(a)s, exclusivamente pessoas com a pele preta e cabelos crespos. Tal compreensão denota o desconhecimento acerca da matriz da formação do povo brasileiro, que conforme Darcy Ribeiro (1995) se constitui da união, *não pacífica* (grifo nosso), de indígenas, europeus e africanos escravizados, configurando assim, uma população diversa fenotipicamente e culturalmente, mas, marcadamente negra e indígena.

No Brasil 55% da população se autodeclara negra de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, este percentual engloba a população de pardos e pretos. As designações são muitas e variam ao longo da história, pardos, mulatos, mestiços, miscigenados, morenos. A questão que nos provoca aqui são as experiências que as diferenças de pigmentação da cor da pele podem provocar nos sujeitos, considerando que há um fenômeno no Brasil chamado pigmentocracia, e ainda que esta não seja a questão prioritária do nosso estudo, faz-se necessário citar tal questão.

A partir destas experiências, vislumbramos a importância do espaço escolar e de propostas educativas que tematizem as questões identitárias e surge para nós o projeto em tela, buscando investigar a relação entre literatura e fortalecimento das identidades de gênero e de raça, pensando especificamente, as questões relacionadas às meninas afrodescendentes do Ensino Fundamental.

Queremos compreender o papel da literatura infantil no que tange a representatividade afrodescendente e como essa literatura fortalece a construção e fortalecimento das identidades das meninas afrodescendentes do ensino fundamental, fazendo um levantamento de obras literárias que possam auxiliar na construção da identidade dessas meninas. Traçamos como objetivo geral compreender possíveis contribuições da literatura infantil com personagens negras protagonistas para a construção da identidade de crianças negras.

Para operacionalizar a pesquisa, traçamos como objetivos específicos: 1. Discutir as questões relativas à construção da identidade negra na infância e no espaço escolar; 2. Mapear obras literárias infanto-juvenis que abordem a temática da identidade afrodescendente.

Trata-se de um estudo bibliográfico no qual nos debruçamos sobre: 1. Documentos da Educação Básica no Brasil, responsáveis pela orientação dos currículos escolares; 2. Literatura infantil; E ainda, teóricos das relações étnico-raciais e de gênero.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: A primeira parte textual é composta da introdução ao trabalho de conclusão de curso; Após esta parte, apresentamos a metodologia de trabalho; No terceiro capítulo, realizamos uma revisão teórica em cinco tópicos, são eles: 3.1. Literatura na escola, que traz uma abordagem a respeito da importância e a necessidade de ser trabalhada a literatura afrodescendente no ambiente escolar; No tópico 3.2. A Base Nacional Comum Curricular e a literatura no espaço escolar, onde trazemos uma abordagem a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como ela trata a questão de como a literatura deve ser trabalhada nas escolas do ensino fundamental; No tópico 3.3. estudamos “A identidade na Base Nacional Comum Curricular”, aqui optamos por discutir como a identidade vem presente na BNCC, necessariamente, no que diz respeito ao ensino fundamental. No tópico 3.4. apresentamos “A escola como um ambiente de afirmação da identidade afrodescendente” e discutimos a questão da escola e sua capacidade de auxiliar a construção identitária dos alunos afrodescendentes a partir dos conhecimentos culturais e históricos do povo afrodescendente. No tópico 3.5. elegemos como discussão, aspectos importantes da identidade afrodescendente, em “Corpo e cabelo negro e a busca pela afirmação da identidade afrodescendente”, discutimos a questão do cabelo crespo e as manifestações de racismo voltadas a ele, trazendo para a discussão o corpo afrodescendente e o preconceito relacionado a ele.

No quarto capítulo realizamos as análises de dados, onde estudamos as obras literárias em diálogo com as discussões teóricas, na perspectiva de propor, descrever, explorar as obras em seu caráter formativo quanto às questões étnico-raciais. Por fim, nosso quinto capítulo, de caráter conclusivo, delimita nossos achados e traça as perspectivas futuras para este trabalho que marca, o fim de um ciclo de estudos, e inaugura para nós, uma perspectiva de estudo.

2. METODOLOGIA

A metodologia usada nesta pesquisa foi bibliográfica, tendo como ponto de partida a revisão de leitura referente à área da educação e das relações étnico-raciais, bem como obras da literatura infantil que abordem a temática das questões étnico-raciais.

Segundo Gil (1991), a pesquisa bibliográfica trata de um processo de pesquisa que se baseia em material que já foi publicado, construído com base em livros, artigos de periódicos e também de materiais encontrados na internet. (apud KAMEI, 2014, p. 28). Ou seja, a pesquisa bibliográfica é uma técnica de pesquisa que consiste em revisar obras publicadas sobre determinado conteúdo, proporcionando ao investigador o contato com conteúdo que já foi escrito a respeito do tema.

Com uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa trabalha na perspectiva de um estudo mais aprofundado a respeito da construção identitária das meninas afrodescendentes, em que a literatura infantil pode dar suporte a essa construção e dos acontecimentos que ocorrem nas relações sociais, tendo em vista que, as pesquisas qualitativas “privilegiam, de modo geral, da análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais” Martins (2004, p. 292).

Também é cabível lembrar que foi feito um levantamento de obras literárias que possam contribuir para a construção da identidade afrodescendente das meninas do ensino fundamental. Lembrando que, o levantamento dessas obras aconteceu virtualmente, durante a pesquisa foi digitado no Google o títulos de obras literárias infantis que trazem em seus contos personagens negros como protagonistas da história, onde suas personagens ganham vida na perspectiva de mostrar ao leitor a pluralidade de cores de peles existentes e a importância de cada uma, abordando a questão da representatividade racial que auxilia na construção identitária dos indivíduos afrodescendentes, em que essas obras consistem em serem todas digitalizadas, isso aconteceu pela dificuldade de levantamentos das obras impressas.

Essa dificuldade se deu por alguns fatores presentes no momento da pesquisa, primeiro que não tenho biblioteca pessoal, depois, porque moro em uma pequena cidade localizada no interior da Paraíba denominada Triunfo, que se encontra a 496 km da capital João Pessoa, totalizando 7 horas e 23 minutos de percurso entre a cidade e a capital, e por ser uma cidade pequena, não disponibiliza de uma biblioteca municipal.

Outra questão que também dificultou o levantamento dessas obras impressas se deu pelo fato que nem todas as escolas municipais disponibilizam de uma biblioteca, além disso, comecei a fazer a pesquisa no momento “pandêmico”, ou seja, estamos vivenciando uma pandemia global devido ao novo coronavírus, vírus esse que recebe o nome de Covid -19, que até o momento já matou milhares de pessoas de todo o mundo, no qual é transmitido através do contato próximo por gotículas que são liberadas através de espirros, tosse e da fala, além de superfícies contaminadas.

Devido esse vírus que está circulando, as escolas se encontram todas fechadas e as aulas estão acontecendo de maneira remota, dessa maneira, não tive como ter acesso as escolas, com exceção apenas de uma única escola que tive acesso para fazer a discussão a respeito da literatura infantil para a construção e fortalecimento das identidades das meninas negras, que está, localizada na zona rural município da cidade de Triunfo – PB, denominado por Sítio Pilões, porém, a então escola não possui biblioteca, logo não funcionou para minha discussão, o que levou a limitar a discussão aos textos conseguidos via internet.

Vale ressaltar que, o que me proporcionou a conseguir acesso a essa escola para fazer a pesquisa a respeito da literatura infantil para a construção e fortalecimento da identidade das meninas afrodescendentes no ensino fundamental, foi o fato da escola ser localizada na zona rural e nem todos os educandos ou pais de alunos possuem acesso a internet para que as aulas acontecessem de forma online, levando os professores a se deslocarem até a escola para fazer a entrega de atividades impressas aos pais ou responsáveis dos alunos, dessa forma, tive a oportunidade de fazer uma visita à escola durante esse momento de entrega das atividades.

Ainda lembrando que durante a pesquisa não estava tendo acesso presencial a biblioteca da universidade, pois, como já foi dito, a pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia, no qual, as aulas estavam acontecendo de maneira remota, e para chegar até a universidade dependo do transporte público para minha locomoção até a UFCG, pois, a cidade que moro é distante da cidade de Cajazeiras – PB, no qual é localizado o Campus da universidade, e conseqüentemente, isso acabou restringindo minha ida à biblioteca universitária por o transporte ter horário definido e não esperar pela realização da pesquisa.

Diante dessas dificuldades encontradas no percurso do levantamento das obras impressas recorri ao Google no momento da pesquisa, digitei algumas palavras chaves como: literatura negra, cabelo crespo, identidade, racismo, menina negra e literatura infanto-juvenil, e como resultado da pesquisa, pude ter acesso aos seguintes livros literários que remetem a literatura negra como: Menina bonita do laço de fita, Lápis cor de pele, A cor de Coraline, Meu cabelo crespo é de rainha, além da indicação de obras feitas pela orientadora.

Nessa perspectiva, a pesquisa tem relevância ao proporcionar discutir as questões que dizem respeito às meninas afrodescendentes do ensino fundamental, que permite que essas meninas tenham compreensão de aspectos específicos que estão relacionados à construção de sua identidade. Além disso, procuro compreender a importância da literatura afrodescendente infantil que trazem à representatividade em seus contos que auxiliam as meninas afrodescendentes no processo de construção da identidade. Além disso, não podemos deixar de destacar o quão é importante fazer o uso literário em sala de aula para o desenvolvimento da imaginação dos alunos.

Dessa forma, após o levantamento online de todas as obras literárias, realizei a leitura de cada uma delas analisando a mensagem que o autor (a) teve o intuito de transmitir ao leitor, respectivamente, às crianças do ensino fundamental. Após a leitura das obras literárias, foi realizada a pesquisa de textos teóricos, a partir de autores que discutem a questão da literatura no ambiente escolar, além da realização de leitura na BNCC com o intuito de entender como esse documento aborda a questão literária na formação do aluno e na construção identitária.

Depois da realização da leitura em todo o material pesquisado, foi necessária a construção de tabelas com as informações das obras e dos textos teóricos desde o título, nome de autores, ano de publicação e formato de acesso, e em seguida, foi dado início a construção de uma segunda tabela trazendo o resumo das obras e dos textos, além das categorias apresentado nos materiais utilizados, relacionando a obra literária com o texto teórico.

Após a construção dessas tabelas, iniciamos as análises descrevendo as informações da segunda tabela, desde as categorias trazidas por cada autor até as citações utilizadas na tabela para fazer relação da obra literária com o texto teórico, além disso, durante a construção das análises trouxemos para a discussão de cada livro informações do autor (a) da obra e algumas informações da publicação de cada obra, com o intuito de deixar os leitores mais familiarizados com a obra em questão.

3. REVISÃO TEÓRICA

3.1.Literatura na escola.

Neste tópico discutimos a importância do uso da literatura nas escolas de ensino fundamental, partindo da compreensão que a literatura possui potencial didático-pedagógico para o letramento e para os aprendizados sociais. Nesse sentido, dialogo com os seguintes autores: Costa e Fernandes (2018) para pensar a questão da Literatura negra, identidade negra, raça e escola. Além de dialogar com Lima (2005) a respeito da literatura, educação, crianças, personagens negros e imagens para pensar a relevância do ensino da literatura afrodescendente no ensino fundamental.

As obras literárias são importantes para se trabalhar aspectos relacionados à imaginação e a criatividade do indivíduo, e pode ter um papel fundamental no desenvolvimento e construção do conhecimento sobre si e sobre o mundo. Se utilizada de forma adequada, pode auxiliar as crianças a trabalhar suas emoções, desfazendo concepções racistas, machistas, preconceituosas, modificando visões que levam a dificuldade de construção identitária das crianças afrodescendentes.

Porém, a literatura que muitas vezes vem sendo trabalhada nas escolas não atende a realidade de muitos alunos, como é o caso da questão étnico-racial, tendo vista que, é na escola que a criança afrodescendente talvez possa ter o primeiro contato com o preconceito racial, nessa perspectiva, Costa e Fernandes (2018, p. 04) ressaltam que a educação básica não coloca em prática discussões que abordem o reconhecimento da história e da força das identidades afrodescendentes, deixando as crianças negras sem acesso ao conhecimento da história do seu povo.

Alguns autores como Nilma Lino Gomes(2002e 2003), Heloisa Pires Lima(2005), Daniele Barros Costa/ Nathália Pétala Batista Fernandes(2018), veem na literatura uma maneira de trabalhar a representatividade racial na escola, compreendendo que a literatura pode proporcionar aos indivíduos conhecimentos da cultura afrodescendente, que podem contribuir para a construção identitária das meninas afrodescendentes, propiciando a essas meninas o direito à igualdade enquanto ser social, compreendendo que a literatura infantil traz consigo dinamismo das diferentes culturais sociais, possibilitando adquirir conhecimentos de linguagens diferenciadas, e apreensão de conceitos e conhecimentos necessários que podem contribuir para sua formação enquanto indivíduo social.

É cabível ressaltarmos que a literatura tem a capacidade de transmitir mensagens não somente através de seus escritos, como também a partir de imagens ilustrativas que observadas com cuidado e atenção podem nos revelar manifestações culturais de uma sociedade, como ressalta Lima (2005, p. 101) ao afirmar:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo.

De acordo com Lima (2005), as obras literárias têm uma função importante na construção do conhecimento dos indivíduos sobre determinada cultura, no que diz respeito aos valores e crenças de uma comunidade, além de ter uma compreensão de mundo no qual vive, conhecendo a si mesmo a partir dos personagens da obra.

No entanto, os afrodescendentes na maioria das vezes não aparecem na literatura, menor ainda é a existência das meninas afrodescendentes na literatura, (já que vivemos em uma sociedade que é marcada pelo racismo e machismo), e quando ocorre à aparição afrodescendente, sua imagem está atrelada a escravidão, a maioria dos escritos naturalizam o sofrimento por eles vivido, fortalecem a ideia de que o branco é superior ao negro e de que o homem é superior a mulher e, sobretudo, o adulto é superior a criança.

Porém, é cabível reforçar que, o problema não estar em o livro trazer em seus escritos a história da escravidão, questionamos a forma como o tema é abordado, fazendo com que na maioria das vezes a criança negra acabe ficando constrangida, como aponta Lima (2005, p. 103/104) quando diz:

O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para a não negra uma superioridade.

Não podemos esquecer que nos livros a maioria das vezes quando o afrodescendente é representado em personagem, surge a partir de estereótipos, no qual sua imagem vai sendo construída negativamente, gerando o preconceito que ainda hoje está instalado na sociedade.

Outra questão que também deve ser questionada é a imagem do negro em caricatura nas suas representações nas obras literárias, que muitas vezes mostram uma imagem sofrida, o inferiorizando e desrespeitando enquanto ser social, porém não devemos generalizar, hoje, algumas obras já trazem a imagem do negro com respeito e valorização.

Nessa perspectiva, de acordo com o que Lima (2005) ressalta, podemos compreender que a representatividade negra trabalhada em sala de aula está deixando a desejar, pois, as formas como a história do afrodescendente é trabalhada nas escolas acaba os inferiorizando, fortalecendo a história de sofrimento do afrodescendente que ainda hoje persiste na sociedade.

Diante disso, podemos perceber a necessidade das escolas do Ensino Fundamental proporcionar aos alunos (a)s, mais especificamente as meninas afrodescendentes, contato com a literatura infantil, propiciando a essas meninas conhecimentos afrodescendentes que contribuem para que elas possam compreender a si mesmo e a sua cultura, podendo construir sua identidade afrodescendente. Nessa perspectiva, para entender como a literatura é trabalhada dentro do currículo escolar, analisamos sua inserção a partir das orientações da Base Nacional Comum Curricular.

3.2. A Base Nacional Comum Curricular e a Literatura no espaço escolar.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que tem como função nortear o ensino da Educação Básica, prevendo os objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento pleno do(a)s aluno(a)s, o documento passou por várias críticas desde a criação de sua primeira versão até sua homologação final e divide opiniões a seu respeito, enquanto uns criticam seu conteúdo outros os defendem, entendo que ele é basilar na perspectiva de proporcionar aos indivíduos o ensino acessível a todos como ressalta Franco e Munford (2018, p. 159) ao afirmar:

Os posicionamentos sobre a ideia de uma base curricular variaram dentro de um continuum desde completamente favorável a completamente contra. Os argumentos favoráveis, em geral, defendiam a noção de um mesmo ensino “mínimo acessível a todos” enquanto argumentos contra, entendiam a proposta como “homogeneização e imposição de identidades”.

Nesse sentido, podemos perceber que a criação da BNCC tem sido questão de discussão entre algumas pessoas, mais especificamente pessoas ligadas à educação e às políticas públicas. Pois, segundo o autor acima citado, a BNCC na visão de alguns indivíduos é visto de ambas as formas, enquanto uns a defendem por garantir o direito de aprendizagem como sendo acessível a todos nos ambientes escolares, outros os criticam porque segundo eles, a proposta da BNCC traz uma homogeneização social, no entanto, a “maioria dos posicionamentos, a favor ou contra, indicou preocupação sobre como a proposta iria lidar com

as diversidades locais, questão central no contexto brasileiro” Franco e Munford (2018, p. 159 apud LUGLI et al., 2015).

Todavia, é necessário compreendermos que a sugestão de uma base curricular para a educação não é uma questão atual, seu marco legal pode ser encontrado na Constituição Federal no artigo 210 (BRASIL, 1988), no qual foi retomado pela LDB NO artigo 26 (BRASIL, 1996). No ano de 2009, o Programa Currículo em Movimento (BRASIL, 2009) reativou a iniciativa de defesa por um currículo comum. Porém, o debate em torno dessa implementação, ganhou expressividade a partir do ano de 2014 com a promulgação do Plano Nacional de Educação (PNE) em que foi estabelecido vinte metas para melhoria da Educação Básica, no qual, quatro estão relacionadas à BNCC (BRASIL, 2014a). (FRANCO e MUNFORD, 2018, P. 3)

Com a relação existente entre a BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais, Tonegutti (2016) faz um questionamento porque na elaboração do documento da Base Nacional Comum Curricular não foi citado nada a respeito dos PCN's que existe há décadas, no qual silencia a relação existente entre ambos. Como afirma Tonegutti (2016, p. 04):

Esse silêncio revela à que vem a proposta. Ela pretende substituir os PCN como algo novo, ignorando a situação já existente e valendo-se de uma nova linguagem para tentar afastar muitas das críticas feitas aos PCN. Senão, seria precedida de um diagnóstico e uma análise crítica que fundamentasse as mudanças propostas.

Ou seja, de acordo com o autor, a Base Nacional Comum Curricular tem como propósito a substituição dos PCN's como sendo algo atual, utilizando um discurso com o intuito de desviar as então críticas que submetem os PCN's, para que não fosse necessária uma análise crítica sobre o então documento, no qual submeteria a mudanças recomendadas.

Para Cândido e Gentilini (2017), a maior diferença existente entre o PCN e a Base Curricular, é o ponto em que os parâmetros traziam orientações mais generalizadas, em que diferencia da Base, onde mostra o que deve ser ensinado em cada ano escolar, no qual poderá auxiliar o trabalho docente, assim como, no direcionamento daquilo que pretende ensinar na escola.

Entretanto, é cabível ressaltamos a necessidade de compreendermos que é fundamental que cada escola contribua com seus interesses, já que a BNCC deve contribuir com orientações e não funciona como um currículo pronto como aponta Tonegutti (2016), ao afirmar que “a Base Nacional Curricular deve ocorrer no sentido de se formarem diretrizes gerais de orientação e não um currículo pronto”.

Apesar de a Base Nacional Comum Curricular proporcionar aos indivíduos uma educação homogênea, visando uma educação igualitária a todos, com princípios de aprendizagens tidos como essenciais, seja ela escolas públicas ou privadas, “cabe destacar aqui que, uma crítica comum na elaboração de documentos curriculares governamentais é que estes textos se apóiam de forma muito limitada em avanços e discussões da pesquisa acadêmica na área” (FRANCO e MURFORD 2018, p. 161 apud SHILAND, 1998), no qual assinala a carência de uma maior discussão a respeito do texto, para que o texto seja bem elaborado e tenha um melhor aperfeiçoamento.

Outra questão que também surgiu como preocupação sobre a Base Nacional Comum Curricular, é o que diz respeito à clareza dos objetivos por ela proposto, além do espaço para que cada escola tenha autonomia, expondo suas concepções e posicionamentos para que não tenha o risco do ensino ser baseado somente pela BNCC. Nessa perspectiva, Cândido e Gentili (2017, p. 329) ressalta:

A preocupação que se tem, no entanto é com os rumos que podem ser tomados com a apresentação da Base Curricular Nacional; se não forem claros os objetivos e a abertura para os pensamentos e posicionamentos de cada escola, correremos o risco de conduzir o ensino somente pelo que foi proposto pelo documento, sem preocupação com a vontade e peculiaridades das instituições educacionais e escolares.

O documento da BNCC deve trazer as instituições escolares orientações que norteiem o ensino da Educação Básica, devem proporcionar as escolas autonomia para que o ensino não seja conduzido apenas pelas normas do documento, já que cada escola tem suas especificidades, tanto no que diz respeito aos alunos, como também aos professores, além das condições físicas da instituição, já que na maioria das vezes, a escola não tem subsídios para que possa conduzir o ensino tal qual está presente na Base Curricular.

Neste tópico, discutiremos a questão de como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) trata a questão da literatura a ser trabalhada nas escolas do ensino fundamental.

Para melhor compreendermos essa questão, fez-se necessário a leitura do próprio documento da Base Nacional Comum Curricular, em que apresentarei as análises a seguir, além do estudo do documento, estudamos também textos de autores que discutem a BNCC (2018), em que a autora faz uma análise do ensino da literatura que a BNCC apresenta no que tange as concepções e objetivos, sobretudo, no que diz respeito ao perfil do leitor que será formado e as modificações ocorridas a partir da descentralização de conteúdos, e Pacheco (2019) que traz um debate sobre o ensino da literatura no ensino fundamental, com ênfase nos

anos finais. Além do mais, traz uma reflexão sobre a formulação da BNCC, mostrando algumas críticas recebidas pelo documento durante sua criação, dando ênfase nas disciplinas de Língua Portuguesa e História.

A literatura tem um papel fundamental para a formação discente, ela possibilita ao aluno (a) conhecer uma variedade de palavras, linguagens e culturas no qual proporciona conhecimentos sobre a língua formal e também saberes necessários para uma formação empática a respeito da diversidade social e cultural.

Nesse sentido, pensando na literatura como sendo importante para a formação identitária, buscamos identificar no documento da Base Nacional Comum Curricular, documento que orienta a organização curricular do ensino nas escolas, compreender como a literatura está discutida dentro desse documento, através da leitura realizada na BNCC, tentamos construir uma análise desse documento com o intuito de compreender a questão da literatura nele presente.

A Base Nacional Comum Curricular, documento que “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, (BRASIL, 2018, p.07) não delimita a literatura como um componente curricular, como ressalta Ipiranga (2019, p. 108) ao afirmar que “em relação à literatura, a área em que está inserida, Linguagens e suas Tecnologias, contempla Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa, ou seja, ela não vem configurada especificamente e sim como um campo da segmentação do componente Língua Portuguesa”. Isto é, a literatura ao contrário do que pensamos, ela não corresponde somente a leituras de livros, mas está inserida em algumas áreas do conhecimento.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podemos perceber que a literatura vem fixada nas “Competências Gerais” da BNCC, a competência ressalta a valorização e fruição das diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 9), ou seja, a literatura proposta pela BNCC propicia aos alunos conhecimentos e experiências artísticas e culturais de todo o território mundial, trazendo a realidade a partir das representatividades da diversidade existentes, sejam elas culturais ou linguísticas.

Conforme a autora Ipiranga “a literatura é uma arte entre outras, por isso deve ser estudada em diálogo com as práticas de linguagem, das quais não se dissocia”. (IPIRANGA, 2019, p. 108). Isto é, a literatura deve ser estudada como qualquer outra arte conforme as práticas de linguagens, já que ela está posicionada na BNCC como sendo uma prática social.

Nesse sentido, podemos aqui, destacar que de acordo com a BNCC alguns gêneros que fazem parte desse campo como: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BRASIL, 2018, p. 132).

De acordo com a BNCC, o campo artístico-literário possibilita aos alunos do ensino fundamental, mais especificamente o(a)s aluno(a)s dos anos finais do ensino fundamental que abrange do 6º ao 9º ano, a oportunidade de compreender e usufruir formas mais relevantes e crítica das produções culturais e artísticas em geral.

Também é cabível ressaltarmos que, a BNCC oferece aos alunos uma formação com conhecimentos literários de todo o mundo, tanto nacional como internacional, como ressalta Pacheco (2018, p. 9) ao dizer:

Está bem claro que a BNCC pressupõe a formação de um leitor que vá adquirir um repertório literário nacional e internacional mínimo, que entenda a literatura prioritariamente em sua fruição estética, “leitura prazerosa”, que consiga ampliar sua visão de mundo pela experiência completamente alienada (“outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos”) e que esteja protegido de temáticas e mensagens impróprias nos termos do ECA.

Dessa maneira, para Pacheco, a BNCC tem o intuito de formar o(a) leitor(a) com conhecimentos literários mundialmente, que seja capaz de compreender a literatura na sua estética ampliando seu olhar de mundo, como de outros tempos, culturas e até mesmo a partir de outras linguagens.

Diante disso, podemos compreender que por a literatura apresentar uma variedade artista de todo o território mundial, no qual proporciona aos alunos conhecimentos de todas as manifestações culturais existentes, valorizando cada uma delas, não vem proposta pela BNCC apenas como um elemento específico da base, ela está presente em algumas áreas do conhecimento.

A seguir trataremos a respeito de como a identidade vem proposta pela BNCC voltada para o Ensino Fundamental, na busca para compreendermos quais as orientações que esse documento traz para ser trabalhada tal questão.

3.3. A identidade na Base Nacional Comum Curricular

Neste tópico, buscaremos discutir a respeito de como a identidade está presente na BNCC, especificamente no Ensino Fundamental, com o intuito de compreender de que

maneira a BNCC orienta que essa questão seja trabalhada nas escolas, considerando a variedade sociocultural existente no país, baseada na “Lei 10.639/2003 e dos pareceres que a complementam na busca pela educação para as relações étnico-raciais”. (Melo e Sousa, p. 02, 2019).

Nessa perspectiva, o texto a seguir é uma parte importante que dará sentido legal a tudo que até aqui já foi estudado a respeito da construção identitária, a partir da análise dos estudiosos da área, Gomes (2002, 2003, 2008), Martins (2004); Lima (2005), Moura (2005); Kamei (2014); Campos (2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento elaborado para regulamentar o ensino da educação básica, garantindo os direitos de aprendizagens considerados fundamentais para os alunos, não só das escolas públicas, como também das escolas privadas.

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.07). Ou seja, esse é um documento de muita importância, que propicia a formação de um indivíduo crítico e democrático capaz de buscar uma sociedade mais igualitária e conhecedor de seus direitos enquanto cidadão.

O documento apresenta uma estrutura que conta com dez competências gerais e habilidades específicas que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica, sendo dividida em três partes: a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Tendo em vista que, a BNCC tende a formação de um indivíduo na sua integridade, aponta que o(a)s aluno(a)s do Ensino Fundamental passam por uma transição de conhecimentos, dentre eles, a sua formação identitária.

As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social. (BRASIL, 2018, p.60).

Desse modo, o(a)s aluno(a)s diante a essa transição buscam compreender não só a identidade, mas as distintas formas de integração social, enfatizar o respeito às diversas identidades. Nessa perspectiva, a BNCC orienta a escola não só no que diz respeito às

questões acadêmica, ela vai bem mais além, é necessário que os alunos aprendam a lidar com aspectos no que diz respeito às questões emocionais e possa construir sua identidade e conhecer a cultura pertencente ao seu povo.

É possível compreendermos que mesmo nos anos finais do Ensino Fundamental, ainda é necessário “a exploração das vivências, saberes, interesses e curiosidades dos alunos sobre o mundo natural e material.” (BRASIL, 2018, p.343). No entanto, é possível perceber que há uma mudança no pensamento, o(a) aluno(a) começa a ter mais autonomia e passa a ter interesse sobre a vida em sociedade, os acontecimentos sociais, sobretudo, a busca pela identidade própria, construída a partir das vivências e experiências sociais.

Nessa perspectiva, “essas características os possibilita na formação científica, que eles explorem aspectos mais complexos das relações consigo mesmo, com os outros, com a natureza com as tecnologias e com o ambiente; ter consciência dos valores éticos e políticos envolvidos nessas relações; e, cada vez mais, atuar socialmente com respeito, responsabilidade, solidariedade, cooperação e repúdio à discriminação.” (BRASIL, 2018, p.343).

Nesse sentido, é cabível compreendermos que a BNCC através de suas orientações valoriza a construção histórica e cultural, além de “discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência”, (BRASIL, 2018, p.433), proporcionando assim ao aluno a construção da identidade mediante o contato com o outro, lhes dando a possibilidade de conhecer sua história passada e valorizá-las, pois, a BNCC dá ao aluno a oportunidade não apenas de se alfabetizar, mas de acordo com a alfabetização, o indivíduo vai tendo a percepção de mundo, sendo capaz de compreender que existem diferentes identidades, obtendo conhecimentos necessários para a sua construção identitária, compreendendo a si mesmo e ao outro como indivíduo social que faz parte de uma sociedade, independente da cultura a qual pertence.

Dessa forma, podemos afirmar que o(a) aluno(a) compreende a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.” (BRASIL, 2018, p.357). Ou seja, a BNCC traz em suas orientações a importância de se trabalhar a construção identitária, fazendo com que o aluno perceba que existe diferentes identidades.

Diante disso, podemos compreender através das análises feita a partir da leitura do documento da BNCC e de Melo e Sousa (2016), que a BNCC defende e proporciona aos alunos um conhecimento sobre suas origens, lhes dando a oportunidade de construir sua identidade a partir de suas vivências no coletivo social, aprendendo a respeitar a diversidade

existente, e seus direitos enquanto indivíduo social e o reconhecimento de pertencimento a um povo.

Sendo assim, a seguir, daremos continuidade à discussão sobre afirmação da identidade afrodescendente, a partir da leitura realizada em autores que tratam da questão identitária, no qual, traz que o cabelo é tido como definição racial.

3.4. A escola como um ambiente de afirmação da identidade afrodescendente.

Neste tópico, discutimos a respeito da escola e seu potencial para constituir-se um ambiente que auxilie a construção identitária do(a)s aluno(a)s afrodescendentes conhecimentos voltados aos valores culturais, proporcionando o conhecimento da história afrodescendente.

Sendo a escola um ambiente de formação de indivíduos, é necessário ressaltarmos seu potencial para a construção da identidade do indivíduo, tendo em vista que, ela pode desempenhar um papel fundamental ao trazer aos educandos conhecimentos sobre suas origens e seu pertencimento a um povo.

No entanto, vale ressaltar que os conflitos existentes nos espaços escolares, instituições nas quais os valores transmitidos se relacionam com os valores da classe dominante, a cultura de um povo que tem seus conhecimentos como símbolo que rege a sociedade, desagregando a cultura afrodescendente e dificultando a formação identitária do povo afrodescendente, causando no aluno um sentimento de exclusão por não se enxergar nos conteúdos transmitidos como afirma Moura (2005, p. 72):

A educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo, [...].

Dessa forma, para Moura, os conhecimentos transmitidos na escola não conseguem atender a necessidade do conhecimento dos alunos afrodescendentes, prejudicando a construção da identidade, já que eles não conseguem se enxergar nos conteúdos abordados.

É necessária a compreensão que a escola enquanto espaço de socialização, propicie aos educandos uma ampliação de conhecimentos e experiências voltados aos valores culturais e a compreensão do respeito, além de proporcionar aos alunos afrodescendentes os conhecimentos e valores de uma cultura afrodescendente, com o intuito de oferecer a esses

alunos conhecimentos de um povo do qual eles fazem parte, em que esses valores e conhecimentos proporcionados a eles auxiliem na afirmação da identidade afrodescendente.

Além do mais, é função da escola, a partir dos valores especificamente pedagógico em que orienta sua prática, propiciar ao aluno ampliar e aprofundar seu processo de aquisição de conhecimentos, levando em conta que é um ambiente de escolarização no qual é. (MOURA, p. 75, 2005).

Também é cabível ressaltarmos que é necessário a escola trazer para realidade dos educandos componentes que fazem parte da história dos negros, para que os alunos afrodescendentes tenham em seu conhecimento a importância de sua existência, sendo capaz de afirmar sua identidade afrodescendente a partir de seus conhecimentos afro-brasileiros, resgatando suas origens, além de especificar sua herança cultural.

Dessa forma, é fundamental compreendermos que também é compromisso da educação proporcionar aos estudantes o respeito às diferenças e aos valores culturais, além de permitir desmontar os processos negativos e a discriminação imposta nos grupos sociais como aponta Moura (2005, p. 76) ao dizer que:

Esta educação, profundamente vinculada às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, deve permitir aos alunos respeitar os valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando-lhes ao mesmo tempo desativar a carga negativa e eivada de preconceitos que marca a visão discriminatória de grupos sociais, com base em sua origem étnica, suas crenças religiosas ou suas práticas culturais.

Nessa perspectiva, para Moura, é importante a escola abordar tais conteúdos que permita os alunos a ter acesso aos conhecimentos necessários para a sua formação enquanto cidadão e, sobretudo, a necessidade de abordar as diferenças trazendo para a realidade dos alunos a importância de conhecer suas origens e ter conhecimento sobre seu povo, tendo em vista que, contribui para a afirmação identitária.

Embora, mesmo sabendo que a escola é um dos principais espaços de construção identitária, vale enfatizar que nem sempre esse ambiente aborda ou dá o devido valor aos conhecimentos necessário sobre as diferenças existentes na sociedade, não buscam abordar questões étnico-raciais que levam aos educandos a conhecer a história e cultura de seu antepassado, no qual, são ferramentas necessárias que contribuem na construção da identidade.

Dessa forma, a escola acaba deixando de cumprir seu papel que visa formar sujeitos capazes de exercerem sua cidadania, priorizando apenas os conhecimentos e costumes de uma hegemonia vista como modelo a ser seguido no meio social, como destaca Moura (2005, p.

78) ao ressaltar que ao desconsiderar as multiplicidades de raízes que forma nossa cultura, priorizando apenas uma visão de mundo de um segmento, acabamos excluindo todos os outros.

Portanto, de acordo com a leitura realizada em Moura (2005), fica evidente a importância da escola trabalhar as diferenças sociais e culturais, enfatizando a necessidade de respeito às diversidades étnicas e culturais com o intuito de formar um indivíduo capaz de se reconhecer como afrodescendente.

A seguir, trataremos a questão do cabelo crespo e as diversas manifestações ocorridas no meio social que levam o indivíduo afrodescendente a sofrer por situações de racismo e preconceito racial, sendo um dos principais motivos que leva esse indivíduo a fazer manipulações no cabelo.

3.5. Corpo e cabelo e a busca pela afirmação da identidade da identidade afrodescendente

Neste tópico, discutimos a questão do cabelo afrodescendente, como ele é visto pela sociedade e as manifestações de racismo voltado ao cabelo crespo, no qual acaba levando na maioria das vezes, os indivíduos afrodescendentes a manipular o cabelo na tentativa de fugir do preconceito racial.

Além disso, abordamos a questão do corpo afrodescendente, trazendo para discussão os preconceitos sofridos por esses indivíduos por não apresentarem o corpo tido como padrão de beleza remetido ao corpo do indivíduo branco, sobretudo, discutir o corpo da mulher afrodescendente que é remetido a um objeto de desejo.

Desde muito tempo, o cabelo negro na sociedade tem sido um dos símbolos de definição racial e visto como um elemento de inferioridade em expressões racista sofrida pelo sujeito no contexto social, no qual, deixa claro a desigualdade racial existente, expressões como cabelo “ruim” e cabelo “bom” mostram claramente o racismo instalado na sociedade, realidade essa que revela o conflito racial vivenciado pelos brancos e negros até os dias atuais, onde os afrodescendentes lutam diariamente pela busca do respeito e igualdade racial.²

É fundamental compreendermos que as primeiras experiências das mulheres afrodescendentes com o cabelo vêm desde muito cedo, começam ainda na infância quando as

²Camilla de Luca: Mulheres brancas que fazem transição nunca são questionadas pra mostrar cabelo. Mulheres negras sempre surge um fiscal pra perguntar quando vai mostrar o black. Eu uso lace antes, vou usar durante e até quando eu quiser. Isso não tá associado a vergonha capilar. Se informem!

meninas são coagidas pelos responsáveis a fazerem modificações no cabelo, manipulando-os para disfarçar sua verdadeira aparência, além disso, as primeiras manipulações não são feitas com o auxílio de produtos químicos ou chapinha, mas com penteados mais naturais como o uso das tranças, como afirma Gomes (2002, p. 43) ao dizer que:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engane-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra.

Nessa perspectiva, para Gomes, podemos compreender que, desde pequenas as meninas afrodescendentes já sofriam a pressão de manipular o cabelo para seguir certas regras, em que elas não identificavam os motivos adequados por tal submissão a essas técnicas, e na maioria das vezes elas não aprovavam as tranças.

Além disso, as crianças eram submetidas a tais manipulações no cabelo porque, as vezes a criança afrodescendente com o cabelo crespo e solto na comunidade afrodescendente em que vivia era algo natural, diferente do convívio deles em outros ambientes sociais frequentado por pessoas de pele clara, remetia a sociedade como mal cuidada e despenteada, sendo coagido a seguir um padrão imposto como sendo normal e, sobretudo, o cabelo trançado é uma forma de técnica corporal no qual é uma representatividade do negro africano que, com o passar dos tempos, essa técnica foi alterada, passando a ser utilizada em diferentes culturas, na perspectiva de romper com esse estereótipo.

Porém, ainda hoje, mesmo com a busca de quebrar esse estereótipo, quando uma criança afrodescendente é vista com o cabelo trançado, a primeira coisa que se é percebido, são os tipos de tranças e os adereços que são utilizadas por elas no cabelo, além de remeter o estilo afrodescendente como afirma Gomes (2002, p. 44):

Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos. Tal prática explicita a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas, mesmo que estas se apresentem enfeitadas. Essas situações ilustram a estreita relação entre o negro, o cabelo e a identidade negra.

Dessa forma, fica evidente que, mesmo as tranças e os adereços sendo utilizadas por diferentes povos e em diferentes culturas, ainda assim, são elementos que compõem a

representatividade afrodescendente, e quando são utilizadas por pessoas brancas, nada mais é que apenas uma forma das crianças serem enfeitadas.³

Outra questão também importante que diz respeito ao cabelo crespo, são os apelidos sofridos pelos afrodescendentes ainda na infância, que por sua vez, talvez seja o primeiro contato que eles têm com o preconceito racial, e alguns apelidos racistas como “negra do cabelo ruim”, “cabelo de bombрил” e “cabelo de fuá” menosprezam o afrodescendente, e o cabelo crespo passa a ser visto e julgado colocando o afrodescendente como sujeito inferior, levando o indivíduo a baixo autoestima devido as manifestações de racismo.

Talvez, os preconceitos sofridos pelas mulheres afrodescendentes enquanto criança sejam os mais importantes fatores que levam essas mulheres a procurarem formas diversas de manipulação do cabelo, diferente das tranças que eram utilizadas por seus responsáveis ainda na infância, submetendo-se aos processos químicos como alisamentos, escovas progressiva e chapinhas, nos quais, na maioria das vezes essas técnicas começam ainda na infância em que pode ser prejudicial à saúde da criança.

Todavia, as mulheres afrodescendentes insatisfeitas com seus cabelos, buscam a mudança na maioria das vezes para tentar se encaixar em um padrão tido como um único aceito no meio social, na busca pela saída da zona de inferioridade onde são colocadas mediante o racismo sofrido, além de ser uma maneira de adquirir autonomia.

Nessa perspectiva, Gomes (2006, p. 3) diz que “Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.” Pois, o preconceito imposto no meio social, pode acarretar diversos problemas que levam o indivíduo afrodescendente a não reconhecer sua própria identidade.

Não é segredo para ninguém que o padrão de beleza tido como perfeito, como o único padrão aceitável é o branco de cabelo liso, levando o afrodescendente procurar mudanças no cabelo não apenas por estética ou por futilidade, mas para tentar se encaixar nesse padrão, “por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.” (GOMES, 2006, p. 3).

Vale ressaltar que, além do afrodescendente sofrer preconceito racial através do cabelo crespo, na sociedade, o racismo vai bem mais além, os indivíduos do meio social fazem apologias ao corpo afrodescendente através de piadinhas, fazendo o afrodescendente se sentir

³ No entanto, quero aqui frisar a questão do alisamento do cabelo negro e ressaltar que não existe apenas uma posição, enquanto algumas mulheres negras alisam o cabelo por imposição do racismo, outros modificam o cabelo apenas pela questão puramente estética, e isso não quer dizer que essas mulheres que fazem alisamento no cabelo estejam negando sua identidade. Ou seja, nem sempre o alisamento do cabelo acontece para a mulher negra seguir um padrão social imposto como “normal”, mas pode acontecer como algo natural.

desconfortáveis diante de tal situação, e mais ainda, pior é para as mulheres afrodescendentes que têm seu corpo sexualizado, visto por muito como objeto de desejo.

Lembrando que essa questão do cabelo afrodescendente também é uma questão para ser discutida na escola, pois, na escola é que ocorre a maioria dos preconceitos sofridos pelas crianças afrodescendentes, no qual, leva essas crianças a enfrentarem desafios como “romper ou camuflar a sua identidade e sua realidade, principalmente em um ambiente escolar”. (CARVALHO, 2015, P. 40), sobretudo, para as meninas afrodescendentes em manter seu cabelo natural.

Pois, segundo Carvalho (2015, p. 51) “o cabelo é um estigma, é algo que sempre é visto como negativo, que denota aos negros, sempre lembranças de sofrimento, de humilhações, de “piadas e brincadeiras”, de racismo”, ou seja, o cabelo é o principal elemento que utilizam para praticar o preconceito racial.

Fazendo uma reflexão em torno do cabelo crespo, sobretudo sobre o cabelo das meninas afrodescendentes, percebemos o quanto a questão do cabelo é o que mais causa inquietação nesses indivíduos, considerando a imposição do cabelo liso ser visto no meio social como sendo o modelo padrão, onde o cabelo crespo ao ser apresentado na sociedade é visto como algo ruim, no qual o cabelo alinhado passa a ideia de ordem, como aponta Carvalho (2015, p. 52) ao afirma:

A ideia de alinhamento passa uma referência de higiene usada para justificar a moda dos alisamentos. Alisar para “ordenar” os fios, tornar mais “arrumado”, acabar com fios “revoltos”. É como se o cabelo crespo fosse “sem ordem”, “rebelde” e “revoltado” e o cabelo liso fosse “ordenado”, “arrumado” e dentro de uma estética mais aceitável.

Nesse sentido, de acordo com a citação acima, compreendemos que a sociedade tem uma visão sobre o cabelo crespo repleta de racismo, o que os leva a praticarem o preconceito contra os indivíduos afrodescendentes, considerando aceitável no meio social os cabelos lisos, tido como arrumado.

Relembrando aqui, que as crianças afrodescendentes ao chegarem a escola passam por diversas situações de racismo, são tratadas diferentes pelo colega por causa de sua cor ou cabelo, com piadinhas que o faça a se sentir diminuído, ou até mesmo, quando a criança afrodescendente é impedida de fazer algo devido a sua raça, situação essa que pode ser causada por colegas de turma a se negarem a participarem de atividade, porque a criança afrodescendente irá participar, além de certas situações de preconceitos praticadas pelos

próprios professores, passando por um processo de exclusão em sala de aula. Nessa perspectiva, França (2017, p. 154) ressalta que:

As crianças negras passam por um processo de exclusão simbólica, ou seja, apesar sua entrada na escola ser permitida, através da matrícula e acesso à sala de aula, elas não se sentem aceitas por colegas e professores que, não raras vezes, demonstram preconceito por meio de insultos baseados em suas características fenotípicas.

Ou seja, a criança afrodescendente, mesmo tendo acesso a escola enfrenta problema em sala, seja por preconceito dos coleguinhas, até por situações de racismo desagradáveis cometidas por professores, fazendo com que essas crianças se sintam inferiores aos demais, sendo incapaz de fazerem qualquer coisa.

Talvez, o que leva as crianças a sofrerem tanto com o racismo na escola seja porque muitas escolas não valorizam a história do povo afrodescendente, muitas não abordam de fato a questão da cultura e não valorizam suas crenças, oferecendo suporte para os alunos afrodescendentes que façam reconhecerem sua história e possam construir sua identidade, além de as crianças brancas terem conhecimentos que os levem a respeitarem as crianças afrodescendentes.

Nessa perspectiva, compreendemos a partir de análises realizadas nos textos de Gomes (2002 e 2006), Silva (2011) e Carvalho (2015), que os problemas enfrentados pelos indivíduos afrodescendentes não é algo que começou nos dias atuais, são de muito tempo, em que o cabelo crespo é visto como símbolo de definição racial.

Nesse sentido, percebemos que mesmo antes das manipulações dos cabelos com produtos químicos, os cabelos crespos já são manipulados pelas mães nas crianças pequenas através de penteados como tranças, para tentar amenizar o preconceito racial, além disso, fica evidente que a discussão do cabelo, é algo para ser tratada na escola, oferecendo subsídios para que as crianças afrodescendentes possam sair da questão de inferioridade e possa conhecer sua história para sua construção identitária.

Além disso, outra questão que também faz o afrodescendente a enfrentar diversas manifestações de preconceito que pode dificultar a construção identitária é o corpo afrodescendente, pois não é de agora que o corpo afrodescendente é subjugado como algo indesejável e desmerecedor de qualquer respeito na sociedade.

Desde muito tempo que o indivíduo afrodescendente sofre pela desigualdade racial, desrespeito esse que vem desde a época da escravatura onde o corpo afrodescendente sofria com os maus tratos nos quais recebiam como aponta Gomes (2002, p. 42) ao afirmar que

“durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado”. Dessa forma, podemos perceber que a luta do afrodescendente por respeito e reconhecimento não é de agora, vem desde o período escravocrata.

Não se pode negar, que o corpo afrodescendente é perseguido no meio social, seja em shopping, restaurante ou qualquer centro comercial, pela ideia preconcebida que o afrodescendente representa a criminalidade e é indigna de sua existência, deixando claro o racismo introduzido na sociedade, uma realidade existente pelo qual a representação do afrodescendente é tida como negativa, sem qualquer visibilidade.

De acordo com as características do corpo do negro africano com o do branco europeu que ocorreu no tempo da escravidão, foi definido o padrão de beleza ideal para a sociedade como afirma Gomes (2002, p. 42) ao dizer que:

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais”.

Pois, mesmo depois do fim da escravidão que aconteceu em 13 de maio de 1888, o afrodescendente ainda sofre preconceito por esses padrões que ainda prevalecem na sociedade.

Nessa perspectiva, um dos maiores desafios enfrentados pelo indivíduo negro na sociedade é a construção de sua identidade positiva, isso acontece porque desde cedo ele é ensinado que para ser aceito é necessário negar-se a si mesmo (Gomes, 2003, p. 171). Pois, a sociedade na qual vivemos hostiliza o afrodescendente e constrói sua imagem negativa, remetendo sua história passada até os dias de hoje.

E em se tratando das mulheres afrodescendentes, os tratamentos são bem piores, além de sofrer preconceito por sua cor, seu cabelo, sua raça, também existe os abusos por elas sofridos quando dizem respeito a seu corpo, com comentários pejorativos e desrespeitosos quando se trata de sua feminilidade, devido seu estereótipo ser tido na sociedade como objeto de desejo.

Nesse sentido, podemos perceber que esse tipo de abuso não é algo novo, começado há pouco tempo, mas sim, desde a época da escravidão, onde muitas sofriam abusos sexuais e eram encurraladas pelos seus padrões a fazerem algumas tarefas que não fosse voltadas as atividades domésticas como podemos perceber em Campos et al. (2019, p. 03) ao dizer que “ A situação das mulheres era ainda pior, uma vez que, além de serem objeto de uso sexual

eram obrigadas a amamentar o filhos dos seus senhores, muitas vezes em detrimento dos seus próprios, e dar conta das atividades domésticas.”

Dessa forma, fica evidente que a mulher afrodescendente quando vista por esse ângulo passa a ser desvalorizada, e sua existência no meio social entra em declínio, onde seu valor moral passa a não ter nenhum tipo de respeito.

Um fato importante que deve ser discutido e compreendido é que, a identidade afrodescendente a ser construída não se dá pela contradição do negro com o branco, mas é construída através das divergências e discussões existentes entres esses “povos” no meio social, identidade essa que vai sendo construída ao longo do tempo, durante sua trajetória nos diversos espaços sociais, são diante de tais diferenças que o afrodescendente poderá construir sua identidade.

No entanto, é possível compreendermos que durante os desafios como, desigualdade salarial, preservação da cultura, da religião e assédio moral nos locais de trabalho encontrados pelos afrodescendentes mediante a construção de sua identidade, alguns espaços sociais contribuem com interferências negativas que causam problemas aos afrodescendentes durante essa construção, isso pode ocorrer devido aos diferentes olhares, que acabam na maioria das vezes discriminando esse indivíduo, desvalorizando essa identidade, segregar ou até mesmo ignorá-la.

Partindo do pressuposto que a identidade afrodescendente se constrói aos poucos através do convívio social, em que envolve muitas situações, em diferentes contextos, seja na escola, em casa com a família ou em qualquer ambiente social, é necessário compreender que a identidade negra é uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro (GOMES, 2003, p.171).

Na perspectiva da identidade ser construída a partir de inúmeros fatores sociais, é necessário compreendermos que os sujeitos são formados a partir de diversas identidades em que uma hora pode parecer atrativa aos olhos sociais e depois passar a ser desconsiderada e desaprovada, assim é fundamental compreender que somos desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. (GOMES, 2003, p.171). Da mesma forma, a construção da identidade negra é construída aos poucos, envolvendo diversos aspectos desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. (GOMES, 2003, p.171).

Porém, é necessário compreender que durante a construção dessa identidade muitos indivíduos afrodescendentes acabam se frustrando por enfrentarem momentos preconceituosos e acabam na maioria das vezes prejudicando essa construção, levando-os a tornar-se invisível no meio social.

Nesse sentido, podemos compreender que os indivíduos afrodescendentes enfrentam vários problemas em se tratando da sua construção identitária, problemas esses que não estão atrelados apenas ao cabelo, mas também ao corpo afrodescendentes, que é visto como algo que não remete ao “padrão de beleza” imposto pela sociedade, sendo pior ainda em se tratando das mulheres afrodescendentes, no qual, subjugam o corpo dessas mulheres como objeto de desejo, que as levam a ser tratadas com desrespeito. Compreensão essa feita a partir da leitura de Gomes a (2002), (2003) e de Campos et al (2019).

4. ANÁLISE DOS DADOS.

Este capítulo tem o objetivo de levantar e estudar um repertório literário capaz de alcançar o objetivo de formar para a educação das relações étnico-raciais, neste sentido, mapeamos obras literárias infantis que abordam a temática da identidade afrodescendente, para a construção de um processo de fortalecimento da identidade afrodescendente das meninas do Ensino Fundamental.

Quadro de Obras literárias analisadas.

Tabela 1 – Obras literárias analisadas na pesquisa, 2022

Obra	Autor(a)	Ano	Categorias Teóricas
Meu crespo é de rainha	Bell Hooks	2018	Gênero, raça, cabelo
A cor de Coraline	Alexandre Rampazo	2018	Cor da pele, raça
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	1986	Cabelo, pele, raça
Lápis Cor de Pele	Daniela Brito	2019	Pele, cabelo, características físicas, raça.

Fonte:Tabela produzida pela autora

Após o levantamento das obras literárias infantil a serem estudadas, analisamos cada uma, com o intuito de compreendermos qual sua importância durante a formação identitária das meninas afrodescendentes no Ensino Fundamental, a partir da visão de autores que estudam a questão afrodescendente e sua formação identitária.

4.1. Bell Hooks e a questão do cabelo.

A obra “Meu crespo é de rainha” foi escrita pela autora Bell Hooks e teve sua versão original publicado em forma de poema no ano de 1999, chegando ao país pela editora Boitatá, sua 1º edição e publicação ocorreu no ano de 2018, contendo 32 página, com ilustração de Chris Raschka e tradução de Nina Rizzi.

Gloria Jean Watkins nasceu na cidade Hopkinsville ao sul dos Estados Unidos no estado Kentucky no dia 25 de setembro de 1952, adotando o nome de Bell Hooks como pseudônimo homenageando sua bisavó materna, tendo sua formação em literatura pela Universidade de Stanford na Califórnia, tornou-se mestra em inglês pela universidade

Wisconsin e conseguiu seu título de doutorado em literatura pela Universidade da Califórnia, a escritora, ativista e feminista faleceu aos 69 anos no dia 15 de Dezembro de 2021.

Figura 1- Bell hooks



Fonte: Compilação do autor⁴

Hooks escreveu mais de 40 livros, publicados em quinze idiomas diferentes, com temas voltados a questão de racismo, gênero, cultura e política.

No livro “Meu Crespo é de rainha”, Bell Hooks trata da questão da raça, do gênero e do cabelo, trazendo a importância da liberdade de cabelo crespo ser usado pelo indivíduo afrodescendente como ele quiser, podemos ter essa compreensão quando a autora fala “*Livre, leve e solto ao sabor do vento (pág. 7- 8,2018)*” já que as manipulações feitas nos cabelos crespos são uma forma dos afrodescendentes não só tentar se encaixar em um grupo específico, mas, sobretudo, de fortalecer sua identidade, compreendendo que isso está voltado ao comportamento individual, indo de encontro como que Gomes (2003) ressalta a respeito do cabelo ao dizer que ele “foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos”, tendo em vista que o cabelo é visto como símbolo identitário.

Nessa perspectiva, podemos compreender que o cabelo é uma das maneiras de comunicação nas quais através dele, o indivíduo pode compreender sua identidade. Nesse sentido Gomes (2003), ainda, ressalta que “o cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura.

Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário.” Ou seja, é cabível compreendermos que o cabelo é mais um componente que atribui aos indivíduos seu pertencimento a uma raça, sobretudo, o cabelo crespo é um ícone da identidade afrodescendente.

A figura abaixo traz as páginas 08 e 09 do livro, nelas fica evidente o quanto a autora defende a importância da liberdade do cabelo afrodescendente, nos levando a compreender a

⁴Disponível:<<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022

beleza do cabelo crespo, e ainda reforça a ideia de que o cabelo afrodescendente desde a infância passa por diversas manipulações como já foi citado anteriormente quando ressalta⁵Gomes (2002, p. 43) ao dizer que “as meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo”. Ou seja, podemos compreender que as manipulações no cabelo crespo, sobretudo, nos cabelos das meninas é uma prática que já ocorre a muito tempo.

Figura 1- Meu crespo é de rainha



No entanto, enquanto Hooks aqui defende a liberdade do cabelo crespo, Gomes (2002, p. 43) relata que as manifestações no cabelo crespo vindo de muito tempo atrás não estavam ligadas a uma maneira de se enfeitar ou até de reconhecimento étnico-racial e pertencimento de um povo, mas era uma maneira de disfarçar a aparência e tentar se encaixar em um padrão.

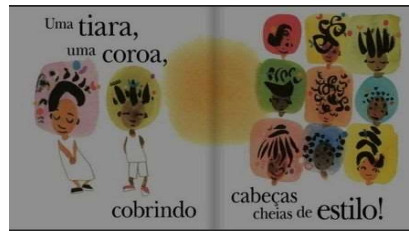
Além disso, o cabelo desde a época da escravidão é um dos símbolos usado para definir a raça de uma pessoa, como afirma Gomes (2002, p. 43) ao ressaltar que o cabelo “desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro.”

Diante disso, compreendemos que o então livro de Hooks é uma boa opção de material didático para ser trabalhado dentro da escola por apresentar uma linguagem simples capaz de levar ao leitor conhecimentos que auxiliem na construção identitária, propiciando as meninas afrodescendente a representatividade e valorizando a estética negra, exaltando a beleza das meninas afrodescendentes, e lhes ensinando que cada cabelo tem sua beleza do jeito que é, e que todos devemos ter orgulho da nossa estética.

Outra coisa que deve ser enfatizado a respeito da obra é a organização, além do livro ter uma fonte grande e frases curtas que facilita a leitura das crianças que estão no processo de aprendizagem da leitura, também apresenta gravuras que podem ser trabalhadas a questão da representatividade, e as diversas formas que o cabelo crespo pode ser usado, ou seja, a então liberdade do cabelo enfatizado pela autora como aparece nas páginas 03 e 04 do livro.

⁵Disponível em:<<https://pt.scribd.com>>. Acesso: 18 mar. 2022

Figura 2- Meu crespo é de rainha



Fonte: Compilação do autor ³⁶

Uma das maneiras de trabalhar a obra “Meu crespo é de rainha⁷” é na contação de história, onde o professor poderá convidar todos os alunos para sentarem em círculo para ouvir a história do livro, e durante a realização da leitura o professor poderá ir mostrando para a turma as imagens do livro a cada passo que cada frase for lida, enaltecendo a beleza afrodescendente para que as meninas sintam-se representadas e possam compreender a importância da sua raça, e logo em seguida, ao final da leitura o professor poderá abrir um debate em sala para ouvir a opinião dos alunos sobre a história do livro e o que eles pensam a respeito do preconceito racial, e ao final da aula, seria interessante que o docente solicitasse para a turma uma ilustração sobre o que eles entenderam da narração.

4.2. A Cor de Coraline.

A “cor de Coraline” é uma obra do autor Alexandre Rampazo no qual traz uma mensagem importante para ser trabalhada em sala de aula, que é a questão da mestiçagem, ou diversidade étnica. A obra foi lançada no ano de 2017 pela editora Rocco, 1º edição, contendo 32 páginas com imagens ilustrativas que prendem a atenção dos alunos e facilita o entendimento da criança sobre a narração. A seguir veremos a capa do livro.

Figura 3 - A cor de Coraline



Fonte: Compilação do autor⁸

⁶Disponível em: <<https://pt.scribd.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022

7

⁸Disponível em: <<https://www.maesmundoafora.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022

O autor da obra Alexandre Rampazo nasceu na cidade de São Paulo onde se encontra até hoje, além de ser autor de livros infantis também é ilustrador. O autor é formado em design pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, após sua formação atuou como diretor de artes, atuando na criação de capas de livros, além da criação de projetos editoriais, no entanto, somente no ano de 2007 passou a voltar-se para a ilustração e a trabalhar com a literatura infantil.

Fotografia 2 – Alexandre Rampazo



Fonte: Compilação do autor⁹

O autor teve seus livros publicados não só no Brasil, como também na Europa e América Latina, nos países como Portugal, Argentina e Itália, sendo premiados diversas vezes por seus trabalhos na literatura, dentro os prêmios recebidos estão Jabuti no qual foi 9 vezes finalistas onde 3 foram vencedoras, Troféu Monteiro Lobato, o FNLIJ, Foi premiado pela Biblioteca Nacional com o 2º e 3º lugar, e em cinco ocasiões, teve a oportunidade de receber o Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, também teve premiação da Fundación Cuatro gato.

No ano de 2017 foi premiado pelo Selo Cátedra Unesco e pelas obras no clube de leitura ODS da ONU, a obra “A cor de Coraline” rendeu ao autor o Selo Cátedra pela autoria e ilustração na editora Rocco, além de ser premiado pela ilustração do livro “Coração de Inverno, coração de verão pela Editora Zit. Além disso, Rampazo tem livros nos 30 melhores livros infantis da revista crescer, teve sua participação na 26th Biennial of illustrations Brasilava. O autor também foi premiado no ano de 2018 pelas obras “Aqui bem perto” publicado na editora moderna, e “Se eu abrir esta porta agora” publicada na editora SESI-SP, premiação essa que se deu pela autoria e ilustração dos livros, no qual rendeu ao autor o Selo Cátedra 10 seleção.

Além da criação do livro “A cor de Coraline, Rampazo publicou outras obras como: Me encontre no sexto andar, A menina que procurava, Eustáquio, Pinóquio – O livro das

⁹Disponível em: <<https://cartografias.catedra.puc-rio.br>>. Acesso em: 18 mar. 2022

pequenas verdades, A princesa e o pescador de nuvens, dentre outros, e ainda atuou na ilustração de obras de outros autores, contendo em torno de 70 obras editadas.

No livro “A cor de Coraline” o autor busca trabalhar a questão da mestiçagem e das raças existentes quando ele diz “*A gente vive num mundo com um monte de gente diferente*” (p. 22, 2017) nos levando a refletir a respeito da diversidade de pele existente e a beleza de cada cor, e nessa perspectiva, o livro dá a oportunidade de se trabalhar com as crianças a questão da pluralidade existente no Brasil, enfatizando as formas físicas de cada indivíduo, evitando que as crianças afrodescendentes passem por situações desagradáveis de preconceito, que podem causar nos indivíduos problemas futuros como questões apontadas por Campos et al. (2019, p. 07) ao ressaltar que, “Na infância esta baixa autoestima e desprestígio pessoal aparece na forma de "bullying", apelidos direcionados a feições de origem étnica estigmatizadas como características de determinada raça, como cor da pele, formato dos olhos e nariz, entre outros”, proporciona as crianças a compreensão do porque os indivíduos tem traços diferentes um do outro, além do conhecimento de suas origens, aprendendo a respeitar a pluralidade existente.

Nessa mesma linha de pensamento Gomes (2002) ressaltar que “Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais,” sendo assim, podemos compreender a necessidade de ser trabalhada nas escolas conteúdos que dizem respeito aos afrodescendentes e suas origens com o intuito de propiciar as crianças, quando falo em “crianças” estou me referindo as crianças afrodescendentes e brancas, maneiras para que consigam lidar com a cor da pele e o cabelo, já que esses elementos são definidos pela sociedade como sendo característica de pertencimento de um povo, sobretudo, do povo afrodescendente.

O autor ainda traz no livro “*Língua diferentes, tamanhos diferentes, cabelos diferentes, origens diferentes, cores de peles diferentes*” (p. 22, 2017), no qual reforça que não existe somente um padrão de gente, que a sociedade é formada de diferenças, de diferentes origens, propiciando as crianças à compreensão de um aprendizado histórico-cultural, indo de encontro com o que Costa e Fernandes (2018) ressaltam ao dizer que “Questões raciais perpassam de geração em geração e um dos meios de maior influência da identidade dessa criança sob este processo é a escola” e nessa perspectiva, a obra de Rampazo é uma opção que o professor pode utilizá-la como material didático a ser trabalhado na sala para que os alunos compreendam a pluralidade de cores, tendo em vista que por ser um livro

que apresenta uma simplicidade na escrita e nas ilustrações, oferece melhores condições para que o aluno mediante o seu processo de aprendizagem de leitura consiga acompanhar a narrativa e compreenda a mensagem que o livro traz.

Dessa maneira, o livro de Rampazo na página 28, proporciona as crianças através das imagens ilustradas de forma simples e divertida a compreensão sobre os diferentes tons de peles, já que ele trabalha mais a questão do corpo, da mestiçagem, diferente do “Meu crespo é de rainha” que aborda mais a questão do cabelo e está mais relacionado as meninas.

Figura 4 – A cor de Coraline



Fonte:Compilação do autor¹⁰

4.3. Menina bonita do laço de fita.

O livro “Menina bonita do laço de fita|” é uma obra da autora Ana Maria Machado, publicada pela primeira vez no ano de 1986, pela editora Ática, contando 24 páginas, com textos curtos e imagens ilustrativas que levam as crianças a se encantarem pela beleza da protagonista do livro, facilitando a compreensão da narrativa.

Figura 5 –Menina bonita do laço de fita



Fonte:Compilação do autor¹¹

¹⁰ Disponível em:<<https://labdicasjornalismo.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022

¹¹ Disponível em:<<https://paisefilhos.uol.com.br>>. Acesso em: 18 mar. 2022

A autora da obra Ana Maria Machado nasceu no ano de 1941, no dia 24 de dezembro no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro, no ano de 2003 foi eleita para a Academia Brasileira de Letras como sexta ocupante da cadeira 1º, e entre 2011 e 2013 a autora presidiu a Academia para o biênio. Jornalista, pintora e escritora, Machado foi premiada diversas vezes e teve suas obras publicadas em diversos países, contendo mais de cem obras publicadas e milhares de exemplares vendidos.

Estudou no Museu de Artes Moderna do Rio de Janeiro e no MOMA em Nova York e no ano de 1964 formou-se em letras pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, além de ter participado dos salões de exposições individuais no Brasil e no exterior e fez sua pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, também estudou na École Pratique des Hautes Études, época em que fez a defesa da tese de doutorado em Linguística e Semiologia, onde teve orientação de Roland Barthes.

Sua carreira profissional é bem vasta, atuou como docente em diversas instituições, como na Faculdade de Letras na UFRJ e na escola de comunicação também da UFRJ, além de ter atuado na PUC - Rio, atuou também no colégio Inácio e no Princesa Isabel do Rio de Janeiro, além de atuar como docente de Língua Portuguesa em Paris na Sorbonne, e na Universidade de Berkeley da Califórnia, e de volta ao Brasil, teve atuação no Jornal da Brasil e na Rádio JB, além de atuar como uma das fundadoras da livraria infanto-juvenil Malasartes.

Enfim, uma carreira excepcional e várias premiações nacionais e internacionais ao longo dela, e dentre essas premiações estão o prêmio João de Barro, Jabuti, Machado de Assis, Prêmio Hans Christian Andersen, Casa de Las Americas, Personalidade Cultural, Prêmio CREFISUL de Literatura, Prêmio Adolfo Aizen, Prêmio Internacional José Martí, Prêmio Ibero Americano de Literatura Infantil e Juvenil, entre outros.

Fotografia 3- Ana Maria Machado



Fonte:Compilação do autor¹²

E Na obra “Menina bonita do laço de fita” a autora aborda as categorias raça, pele e cabelo, enfatizando a beleza afrodescendente, trabalhando a questão identitária, e quando o

¹²Disponível em: <<https://www.ebiografia.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022

coelho descreve o cabelo da menina ao dizer “*A mãe gostava de fazer tranças no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida*”, nos mostra que as tranças e as fitas são adereços e penteados utilizados pela criança negra desde muito tempo, como afirma Gomes (2003) ao ressaltar que “o uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família.

Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras.” Isto é, podemos compreender que o uso de tranças e fitas utilizadas pelas crianças afrodescendentes surge como símbolo da cultura africana, mas ao serem utilizadas por crianças brancas é vista apenas como uma forma de se enfeitar.

Ainda na obra quando a autora traz “*Artes de uma avó preta que ela tinha*”, resposta que a mãe da menina dar ao coelho sobre o porquê da pele da menina, surge a oportunidade de ser trabalhada a história do negro e as suas origens, lhes propiciando a construção identitária, já que a partir disso, a criança vai compreender que nossos traços identitários se dão devido as nossas origens.

Lembrando que as tranças utilizadas pelas crianças negras foram os primeiros processos de manipulações no cabelo, mas, no entanto, nem sempre são lembradas pelas mulheres adultas negras como sendo o penteado preferido (GOMES, 2002), daí surge então a necessidade de compreendermos o porquê as mulheres afrodescendentes preferem manipular os cabelos com produtos químicos e não utilizar tranças, já que o uso de tranças carrega lembranças da infância.

O livro também dá oportunidade de trabalhar a questão da beleza da pele afrodescendente quando a autora traz que “*o coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida*” (p. 7, 1986), pois a partir dessa exaltação é possível ao narrar à história que a criança compreenda o que a pele afrodescendente também apresenta uma beleza inigualável, além de trazer uma fala do coelho de exaltação da cor da menina na mesma página quando o coelho fala “- *ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela*”.

A seguir, traremos uma ilustração do livro para que possamos deixar aqui registrada a beleza da menina que o coelho tanto exalta, e através da imagem podemos perceber que são textos curtos e simples que facilita a leitura dos alunos, principalmente os que estão em processo de aprendizagem de leitura.

Figura 6 – Menina Bonita do Laço de fita



Fonte: Compilação do autor¹³

Nesse sentido, ressalto aqui que a obra de Ana Maria Machado é uma boa obra para que seja trabalhada em sala, tem um enredo simples que facilita a compreensão da narração, além da protagonista do livro ser afrodescendente, incluindo na história a diversidade e valorizando a pele e o cabelo afrodescendente, sendo possível observar durante a narração que a autora deixa claro que não há margem para que haja preconceito racial, fazendo com que as crianças afrodescendentes se sintam representadas, já que a escola está trazendo para a realidade discussões que auxiliem na construção identitária.

Nesse sentido, Gomes (2002) ressalta que o “papel de problematização, reconstrução e discussão sobre a identidade negra também deveria ser feito pela escola”. Ou seja, é fundamental que a escola proporcione discussões para que os alunos possam construir sua identidade.

4.4. Lápis cor de pele.

A última obra analisada foi “Lápis cor de pele” da autora Daniela de Brito, no qual traz uma questão muito importante a ser discutida na escola que é a questão racial, na qual o livro aborda as categorias pele, cabelo e outras características físicas.

O livro além do texto, também contém imagens que prende a atenção do aluno e facilita a compreensão da narração da história, contendo 32 páginas, publicado no ano de 2017, 1º edição, com ilustração de Polly Duarte. A seguir, trarei uma imagem da capa do livro para um primeiro contato com a obra.

Figura 7 – Lápis cor de pele

¹³ Disponível em: <<http://www.deborapais.blogspot.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022



Fonte:Compilação do autor ¹⁴

A autora da obra Daniela Rezende Seixo de Brito Mendes Fernandes, mais conhecida como Daniela de Brito nasceu no ano de 1972 em Goiânia no estado de Goiás, quando criança foi matriculada em um centro de artes e lá fez alguns cursos como ballet, piano, artes plásticas, jazz, dentre outros. Sua avó Célia Coutinho Seixo de Brito também é escritora e artista plástica.

No ano de 1990 Brito cursou Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, graduando-se em 1994. Em 2008 lançou algumas obras como Ratofredo, Cirilo, Mala sem alça e O que segura as nuvens, e no ano de 2011 também fez o lançamento da obra Cafubira, Cidade da bisa e Tsuridôdo, anos mais tarde em 2015 fez o lançamento do livro Lepequeco, e o então livro que aqui estamos trabalhando “Lápis cor de pele” foi apresentado no ano de 2017.

Um ano após a apresentação do livro “Lápis cor de pele”, Daniela de Brito publicou as obras Dani & eu e Dani & eu –coleção de ideia no ano de 2018, e também no mesmo ano da Bienal de São Paulo a obra Filho de peixe, peixinho é, no mesmo ano de 2018, Brito lançou na França e em Portugal a obra Doença de Urubu Não Pega Em Beija-Flor e as obras Piquenique,Venha conhecer Goiás, ambas da mesma editora, Editora Mais Amigos, foram publicadas no ano de 2019, em 2020 Daniela de Brito criou a história Menino João e menina Maria e no ano posterior surgiu a obra Nasceu uma capital: Goiânia.

Uma das instituições que aderiu as obras da autora Daniela de Brito foi o Instituto Ayrton Senna, além de outras instituições da Europa, São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Goiás e Minas Gerais. Enfim, para finalizar um pouco sobre a autora Daniela de Brito, no ano de 2020 a autora realizou um dos seus sonhos, que foi a criação de “O projeto pedagógico cafubira literária”

Fotografia 4–Lápis cor de pele

¹⁴ Disponível em: <<https://tamiresromano.medium.com>>. Acesso em: 18 mar. 2022



Fonte: Compilação do autor ¹⁵

A discussão do livro se dá em torno da falta de entendimento de Ana quando o coleguinha pede o lápis cor de pele à professora, e é a partir daí que a menina percebe a variedade de cores existentes inclusive a diferença dela, do irmão e de sua mãe. Ana começa a prestar atenção que sua mãe tinha a mesma cor de pele do seu irmão, que apesar dela ter cabelo encaracolado e olhos escuros iguais o seu, a pele de sua mãe era da cor diferente da sua, tinha a mesma cor da pele de Miguel seu irmão, e então ela questiona seus pais o porquê disso acontecer, e eles explicam a Ana e Miguel qual o motivo dessa diferença lhes dizendo que *“há uma parte da ciência chamada genética que estuda como as pessoas são formadas: cor de pele, cor de cabelo e tipo de olhos... E muitas outras coisas. Por isso que as pessoas de uma mesma família se parecem tanto e outras da mesma família são tão diferentes. Tem o DNA”* (p.20, 2017).

Assim Ana compreendeu porque é diferente de seu irmão e sua mãe, e ao chegar à escola contou para os coleguinhas e a professora o que tinha aprendido sobre porque existem as diferenças entre as pessoas e *“começou a pensar que o mais legal era justamente isso. Que sem graça que seria o mundo se todos fossem iguais”* (p. 33, 2017)

Como já foi citado anteriormente, Barros (2018) ressalta que *“Questões raciais perpassam de geração em geração e um dos meios de maior influência da identidade dessa criança sob este processo é a escola. É importante pensar que como parte do meio em que a criança passa grande parte do tempo, o ambiente escolar deve ser o espelho que se reflete suas escolhas, seus pensamentos e suas vontades.”*

Nessa perspectiva, a obra literária proporciona as crianças o reconhecimento de suas origens para construção identitária compreendendo a pluralidade de tons de pele existente e o porquê dessas diferenças. O livro deixa isso claro quando Ana compreende que *“cada qual com sua identidade, cor e beleza, numa mistura de tons e de gente. Gente tão igual quanto diferente”*.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.danieladebrito.com.br>>. Acesso em: 18 mar. 2022

Na perspectiva da escola ser um ambiente de formação identitária dos sujeitos, é necessária que dentro dela seja discutida a questão étnico-racial, na tentativa de fazer com que os as crianças possam compreender as diferenças de tons de peles, valorizando suas origens para que possam construir sua identidade.

Tratar assuntos como racismo, cultura afro e até mesmo a história do negro no Brasil [muito além da escravidão], é extremamente importante pra que esse processo de espelho seja válido e reflexivo a todos. (BARROS, 2018). Ou seja, é fundamental que a escola enquanto espaço de socialização e conhecimento procure tratar das questões raciais com os alunos, com o intuito de promover conhecimentos raciais e valores.

Nessa perspectiva, os livros e as obras literárias são forte aliados para serem tratadas as questões raciais como aponta Barros (2018) ao afirmar que “A escola traz o livro como principal aliado e a literatura é a fonte primária de como a história do nosso povo deve ser contada.” Pois, a literatura no âmbito escolar pode proporcionar conhecimentos históricos de um povo.

E na perspectiva da escola ser um lugar de formação do sujeito para que viva em sociedade, ela pode proporcionar conhecimentos que levem o indivíduo a conhecer a si a partir dos conhecimentos apreendidos a respeito de suas origens, compreendendo porque o cabelo, a pele e outras características físicas podem ser diferentes um do outro.

Sendo assim, a literatura é uma forte arma para que o professor possa trabalhar com as crianças, na tentativa de extinguir o preconceito racial, levando as crianças a conhecerem as diferenças e que possam ampará-las, contribuindo para que a criança tenha uma formação consciente e aprenda a valorizar as diferenças entre elas e na sociedade

Além do mais, a obra de Daniela de Brito a partir do não entendimento de Ana a respeito do lápis cor de pele e das diferenças entre ela e os outros ao seu redor, é uma oportunidade do professor trabalhar a questão racial na escola, além do livro trazer ilustrações que facilitam a compreensão da história, e na página 20 e 21, a obra mostra uma árvore genealógica facilitando a criança entender como ocorre nossa formação.

5. CONCLUSÃO.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) constitui-se no desenvolvimento da pesquisa a respeito da literatura infantil dentro das instituições escolares e qual seu papel mediante a construção e fortalecimento de identidade de raça e de gênero de meninas afrodescendentes do ensino fundamental.

Dessa maneira, podemos enfatizar a importância da pesquisa por ela propor discutir as questões relacionadas a identidade de raça e de gênero das meninas afrodescendentes dentro do ambiente escolar, permitindo compreender aspectos específicos relacionado a estas meninas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, a partir da leitura dos textos teóricos e das obras literárias, foi possível compreender que a literatura infantil no espaço escolar tem o papel de proporcionar as crianças afrodescendentes à representatividade a partir do personagem afrodescendente como protagonista da história, com o intuito de ser tratada a questão do preconceito racial, propiciando a criança afrodescendente conhecimentos da história do seu povo a partir das histórias narradas através das obras literárias.

Nesse sentido, é fundamental que a escola busque trabalhar as questões étnico-raciais dando à oportunidade as crianças afrodescendentes de conhecerem suas origens e a do seu povo, e o livro nesse sentido pode se tornar seu principal aliado. Pois ele pode proporcionar as crianças conhecimentos sobre a cultura e valores de determinado grupo social, valorizando suas crenças e características físicas que os fazem definir sua identidade.

No entanto, também foi possível compreender que quando a literatura infantil é trabalhada na escola, na maioria das vezes são trabalhados de forma inadequada, que não atende as necessidades de todos os alunos, como é o caso da representatividade. Neste caso, cabe aos professores procurar métodos nos quais possam trabalhar essas obras de forma que as crianças afrodescendentes consigam se verem nas histórias trazida pelo livro, e que o educador ao narrar a história possa levantar discussões em sala sobre o racismo, com o intuito de fazer as crianças afrodescendentes conhecerem as crenças, valores e cultura do seu povo, fazendo com que a criança aprenda a valorizar as diferenças entre elas e as existente em todo o contexto social.

Portanto, a literatura infantil desempenha um papel fundamental na construção identitária dos indivíduos, sabendo que através das obras literárias os/as jovens podem

desenvolver a imaginação e ter uma construção de conhecimento mais acessível, e em se tratando da representatividade das meninas afrodescendentes, terão um conhecimento maior sobre si que contribuirá para a construção identitária. Pois ela oferece subsídios para que esses indivíduos possam se reconhecer e conhecer a história do seu povo e culturas diversas, permitindo que a criança tenha contato com conceitos e valores que influenciam de forma positiva na sua construção identitária, e a partir daí possam ser capazes de valorizar sua cultura e suas características físicas, sobretudo, o cabelo crespo, já que ele é visto no meio social como sendo símbolo de definição racial.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Fundamental. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BRITO, Daniela de. 1º edição. Cortez, 2017. Curitiba, Disponível em: <https://fliphtml5.com/>. Acesso em: 13 abril 2021.

CAMPOS, Marco André Bispo *et al.* **Causas e implicações do preconceito racial na sociedade brasileira**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro. Fevereiro de 2019. Disponível em: <https://revistas.unipacto.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2021.

COSTA, Daniele Barros; FERNANDES, Nathália Pétala Batista. **A literatura negra no âmbito escolar**: o estudo e análise de livros didáticos e paradidáticos e seus impactos na formação psicológica e identitária da criança negra. . Uberlândia- MG: X COPENE- Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, 2018. Disponível em: . Acesso em: 23 mai 2021.

CÂNDIDO, Rita de Kássia; GNTILINI, João Augusto. **Base Curricular Nacional**: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político-Pedagógico. 2017. Disponível em: <https://seer.ufg.br/>. Acesso em: 21 de maio 2021.

CARVALHO, Eliane Paula de. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

FRANÇA, Dalila Xavier de. **Discriminação de crianças negras na escola**. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476/pdf>. Acesso em: 02 jan. 2022.

FRANCO, Luiz Gustavo; MUNFORD, Danusa. **Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular**: Um olhar da área de Ciências da Natureza. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/>. Acesso em: 22 de maio 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2º edição, Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2006. Disponível em: <http://www.titosena.faed.udesc.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa [online]. 2003, vol. 29. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação [online]. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. 1º edição. São Paulo: Boitatá, 2018. Acesso em: <https://www.satutaia.sp.gov.br/>. Acesso em: 13 abril 2021.

IPIRANGA, Sarah. **O papel da literatura na bncc: ensino, leitor, leitura e escola**. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KAMEI, Maria Luiza GilioFerla. **Metodologias Para Práticas De Leitura Nas Aulas De Português**. Paraná. 2014. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/>. Acesso em: 17 maio 2021.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: Um breve perfil da literatura infanto juvenil. In. KabengeleMunanga. **Superando o racismo na escola**. 2º edição revisada. Brasília: Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005. Pág: 101-115/ 10.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**: educação e pesquisa. Educação e Pesquisa. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MOURA, Glória. O Direito A Diferença. . In. KabengeleMunanga. **Superando o racismo na escola**. 2º edição revisada. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005. Pág: 69-82.

MELO, José Ítalo Lima de Lira; SOUSA, Kássia Mota de. A Base Nacional Comum Curricular E O Ensino Da História E Da Cultura Da África E Dos Afrodescendentes: **Análise Das Habilidades De História Para Os Anos Finais Do Ensino Fundamental**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – UFCG, Cajazeiras, 2016.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9ª edição. São Paulo. Editora Ática, coleção barquinho de papel, 1986. Disponível em: <http://divisanova.mg.gov.br/>. Acesso em: 13 abril 2021.

PACHECO, Abilio. **O Ensino de Literatura e a BNCC do Ensino Fundamental**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1º edição. Rio de Janeiro. Ed. Rocco pequenos leitores, 2021. Disponível em: <https://ler-livros.com/>. Acesso em: 13 abril 2021.

TONEGUTTI, Claudio Antonio. Base Nacional Comum Curricular: Uma análise crítica. 2016. Disponível em: <https://sismmac.org.br>. Acesso em: 21 de maio 2021.